

SESSÕES DO PLENÁRIO

24ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 19 de maio de 2016.

PRESIDENTE: DEPUTADA FÁTIMA NUNES (AD HOC)

A Srª PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a sessão especial em homenagem ao centenário de nascimento do professor José Calasans Brandão da Silva, proposta por esta deputada que ora vos fala.

Passo, já, a agradecer aos presentes e convidar para a composição da Mesa.

Para compor a Mesa, convido o Sr. José Américo Silva Fontes, sobrinho do homenageado, que neste ato representa Madalena Calasans, filha do homenageado; a professora Maria Hilda Boqueiro Paraíso, diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, representando o reitor da Universidade Federal da Bahia, professor João Carlos Salles; a Srª Eliene Dourado Bina, diretora do Museu Eugênio Teixeira Leal; a Srª Rosany Bonsucesso, diretora da Escola Municipal José Calazans da Silva; o cineasta Carlos Pronzato; o professor Sérgio Guerra, membro do Conselho Estadual de Educação. (Palmas)

Quero dizer a todos e a todas da nossa alegria de tê-los presentes e que todos se sintam fazendo parte da Mesa. No decorrer da sessão registrarei todas as presenças.

Neste momento, ouviremos a execução do Hino Nacional.

(Execução do Hino Nacional.)

A Srª PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Assistiremos, agora, a um vídeo da apresentação de um trecho do documentário “José Calasans, Tradutor do Sertão”. Esse vídeo foi preparado pelo cineasta Carlos Pronzato, que logo depois usará da palavra aqui, na Mesa.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

A Srª PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Registro as presenças das pessoas de Canudos como os vereadores Rômulo e Osmar – este último é sindicalista –, Marquinho, pescador; e o jovem advogado Dr. Anderson.

Parabéns, é a nossa luta!

Registro, também, a presença do vereador Mendonça do município de Heliópolis e dos demais vereadores presentes. A minha assessoria circulará por aí para pegar mais nomes, a fim de registrá-los.

Assistiremos, agora, à apresentação dos alunos da Escola Municipal José Calasans, (palmas) acompanhados pela professora Juliana Castro. A apresentação da nossa juventude tem o título: *Quem foi José Calasans*.

Parabéns!

(Procede-se à apresentação musical.) (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Parabéns a todo o alunado e a esta criança que está bem juvenzinha hoje. Certamente, chegaremos ao tempo em que viveremos os mais de 100 anos do professor José Calasans.

Quero registrar as presenças da prefeita Gracinha do município de Araçás; e a secretária de Educação. (Palmas) Parabéns e muito obrigada pela presença. (Palmas) Registro a presença do nosso companheiro Pereira do Mel, criador de projetos de convivência no Semi árido; (palmas) dos nossos jovens Pablo e Danilo, representantes da Sema. (Palmas) Eles trabalham no projeto do governo de convivência com o Semiárido. Muito obrigada pelas presenças.

Temos a visita dos estudantes do Colégio Estadual Antônio Sérgio Carneiro do bairro Arenoso. (Palmas) Muito obrigada pelas presenças. Vocês vieram em um dia muito importante para a história.

Quero, neste momento, deixar o registro das presenças dos seguintes deputados que nos saudaram: Luiza Maia, Pastor Sargento Isidório e Bira Corôa. Informo que haverá a abertura de exposição no Museu Afro. E como o deputado Bira Corôa é presidente da Comissão Especial da Promoção da Igualdade, ele se deslocou para lá, a fim de participar e representar a Assembleia Legislativa.

Hoje, aqui, temos outra atividade especial: os 30 anos dos defensores públicos.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Deixarei a Mesa durante alguns minutos para fazer o uso da palavra em homenagem a este grande homem.

A Sr^a FÁTIMA NUNES:- Mais uma vez, saúdo todos e todas.

Agradeço, imensamente, a presença do Sr. José Américo Silva Fontes, sobrinho do homenageado, que, neste ato, representa Madalena Calazans, filha do homenageado. Quanto a Sr^a Madalena Calazans, nós a vimos, há pouco, no vídeo apresentado.

Gostaria de saudar: a diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, a professora Maria Hilda Baqueiro Paraíso, representando, neste ato, o reitor da universidade, professor João Carlos Sales; a Sr^a. Diretora do Museu Eugênio Teixeira Leal, professora Eliene Bina; Sr^a. Diretora da Escola Municipal e agradecer pela preparação e organização dessa apresentação importante sobre a nossa cultura e a nossa história, Rosane Bonsucesso; cineasta Carlos Pronzato; senhor membro do Conselho Estadual de Educação, professor Sérgio Guerra. Saudando a todos e agradecendo, gostaria muito de dizer da razão e da motivação desta nossa sessão especial em homenagem ao professor José Calasans.

Vivemos no Brasil, neste ano de 2016, um momento conflituoso, de sérios desafios para os jovens, para os mais vividos, para as mulheres, para os negros, para os índios, para os sertanejos, para os que vivem no litoral, mas marcados também por

essa história de exploração da vida do País.

Sabemos que não dá para homenagear um professor sem relembrar esse nosso passado, sem relembrar essa nossa história do Brasil. Em 1500 já existia aqui uma população, e essa população foi, de uma hora para outra, tomada de surpresa por muitos que chegaram. Seria até bom se tivessem chegado para ajudar, para desenvolver, e sabemos pelos contos, pelos fatos, pelas lembranças, que não foi bem assim. Só de escravidão tivemos quase 400 anos.

Portanto, é uma história marcada por muitos tormentos, desafios, mas também marcada pela superação, pela coragem, pela determinação de homens e mulheres que sempre pensaram que podíamos ter um Brasil decente, justo, independente e de oportunidade para todos.

Assim classificamos o nosso professor José Calasans, pelo conhecimento da sua história, pelas vezes em que encontramos aqui amigos e amigas que viveram com ele, que relatam nos seus livros, como bem faz o cineasta Pronzato, como bem faz o Sérgio Guerra e muitos outros da sua época que contam e recontam a nossa história. E é muito bom que exista essa oportunidade de contar e recontar, porque cada um, ao seu olhar, ao seu gosto e aos seus interesses, começa a contar a história do nosso País de um jeito que, muitas vezes, favorece àqueles que mais exploram, àqueles que mais humilham, àqueles que mais tiram proveito deste País tão maravilhoso.

Quando encontramos alguém como o professor José Calasans, que revela para o mundo a história de Canudos, que revela para o mundo a coragem dos sertanejos, que faz questão de revirar a história de Antônio Conselheiro para dizer que, ali no sertão, numa terra tão árida de tanto sol, era possível construir uma outra sociedade, um outro jeito de viver, uma outra oportunidade para os homens e mulheres viverem com dignidade.

Isso é o que nos emociona, isso foi o que escutei do comitê que organizou conosco esta sessão. Agradeço, de antemão, à minha assessoria, à Sílvia que correu, correu para tudo dar certinho, (palmas) e revelar também para vocês o sentimento do professor Paulo Neiva, que foi um dos grandes incentivadores, junto com esse conjunto de pessoas com as quais ele se reúne na Uneb. Hoje, na estrada, o carro quebrou e ele não conseguiu chegar, mas enviou um *e-mail* e falou da sua tristeza por não estar aqui nesse momento, mas eu respondi que todos nós estaríamos lembrando e vivendo a presença e o desejo dele.

Gostaria, apenas, falar mais algumas coisas, lembrando aqui algumas palavras que a gente foi buscando para reforçar e enriquecer a nossa homenagem. Agradeço também a Patrícia, nossa assessora de comunicação, que conosco foi fazendo esse trabalho.

No centenário do professor José Calasans – na verdade foi o ano passado, e a gente até tentou fazer um seminário, uma sessão especial, mas foi melhor ficar para este ano, tiramos dos textos algumas palavras, e eu quero lembrar delas agora.

(Lê) “‘Não sei se fiz muito na vida mas, sobretudo, meu empenho foi ser tradutor do universo sertanejo’, esta frase é do professor José Calasans Brandão da

Silva, um dos maiores historiadores da guerra de Canudos, e consequentemente da vida e obra de Antônio Conselheiro. Um amante do sertão que guiou a sua vida em torno de pesquisa e dedicou todo o seu tempo, conhecimento e intelecto para entender o povo sertanejo, a guerra de Canudos, Antônio Conselheiro e a sua gente, para entender a vida simples de homens e mulheres do sertão.

Para mim, sertaneja que sou, é um imenso orgulho e honra receber vocês aqui, para juntos prestarmos essa homenagem ao professor Calasans, que foi um intelectual, um homem urbano, mas com os pés fincados no mundo rural. Apaixonado pelos estudos do folclore, crenças e tradições de um povo. O povo do sertão, tem tanto orgulho de Calasans, que nem sei expressar em palavras. Mas, penso que esse grandioso orgulho não é restrito ao sertanejo, quem na Bahia não tem orgulho desse sergipano de raiz e baiano de coração?

Nenhum historiador brasileiro pesquisou e estudou a guerra de Canudos e a vida de Antônio Conselheiro, de uma forma tão profunda, constante e pioneira, quanto José Calasans. Ele percorreu o Brasil inteiro garimpando em bibliotecas e arquivos, seguindo, como poucos, os passos do peregrino Antônio Conselheiro, do Ceará à Bahia. Estudou o desenrolar do conflito em si, revelando, aqui e ali, uma documentação preciosa que reformularia a historiografia 'canudense', presa durante muito tempo ao livro de ouro de Euclides da Cunha, Os Sertões.

Diante de tudo isso, a gente poderia achar que Calasans iria guardar essas preciosidades para ele, não é? Mas ele era um homem humilde, que não negava a ninguém o seu tempo e o seu saber. Se alguém quisesse estudar, conhecer e trabalhar o tema ele não economizava energia e esforços para ajudar, para dividir o seu conhecimento. Empréstava textos raros, muitas vezes, até dava eles de presente, e, é claro, falava sobre horas a fio sobre os seus assuntos prediletos.

Por tudo isso, em 1999, esta Casa concedeu ao professor o Título de Cidadão Baiano, por meio de um projeto do deputado José Nunes. Hoje, mais uma vez, através desta sessão, o povo da Bahia retribui e agradece toda dedicação do professor Calasans a esta terra, à Bahia.”

Muito obrigada a todos e a todas que estão aqui neste momento. (Palmas) É muito bom que essa nossa escola, que as demais escolas, que os jovens das nossas universidades estudem, conheçam as obras, passem essa coragem, essa força de determinação do nosso professor, porque é o precisamos para formar uma sociedade com sentimento de humanidade, de respeito à cidadania, à democracia e à paz que precisamos no nosso País.

Muito obrigada. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Concedo a palavra ao professor Sérgio Guerra. Ele tem um horário a cumprir, precisamos ajudá-lo nesta tarefa.

O tempo pode ser de até 5 minutos, mas o professor tem uma história maior, por isso pode se estender mais um pouquinho.

O Sr. SÉRGIO GUERRA:- Queria começar saudando a todas. Neste Brasil moderno a gente precisa aprender que todas inclui autoridades, representações e pessoas. Fora disso não tem salvação, ninguém precisa ser mais do que todas. Digo isso porque tenho observado que o Brasil é tão machista que durante muitos anos se saudava “a todos”; mas modernamente se começou a saudar “a todos e todas”. E continua errado, porque a letra a precede a letra o; desde a e, i, o, u que a gente aprende isso. Portanto, pelo menos que a saudação seja a todas e a todos. Prefiro ser mais radical e digo a todas, porque já contempla todos. (Palmas)

Quero saudar a Mesa, especialmente a deputada Fátima Nunes, que está corrigindo não diria falha, mas um esquecimento, porque esta Casa homenageou o professor Luiz Henrique e o professor Cid Teixeira, meus dois grandes mestres, mas eu sentia que faltava alguma coisa. Pela trilogia da Faculdade de Filosofia do curso de História, faltava o professor José Calasans.

Hoje a minha trilogia está completa.

Obrigado, deputada.

Saúdo também, em nome da Universidade do Estado da Bahia, professora Hilda, que representa o reitor da UFBA, minha casa materna que me criou para o mundo. A emoção é porque lembro da professora Eugênia Lúcia, mais do que minha mestra, minha mãe.

O professor José Calasans foi uma pessoa com quem, no tempo de aluno, briguei muito, porque eu representava a reconstrução do movimento estudantil, que a ditadura tinha fechado, e ele representava o Departamento de História e, depois, a própria Universidade.

E eu era um jovem revolucionário reconstruindo os instrumentos da democracia: sindicatos, associações, diretórios, grêmios, enfim, tudo aquilo que a ditadura fechou. Reconstruímos tudo isso, inclusive as centrais sindicais e os partidos políticos.

Pois bem, nós tínhamos uma vida muito conflituosa. Mas tem uma coisa que nunca esqueci do mestre, que é essa palavra que vocês vão ouvir muito: generosidade.

O professor José Calasans era um socrático, conversava sobre os temas – acho até que ainda sou um professor muito dessa linha –, contava a História. Por incrível que pareça, vindo de uma linha tradicionalista do Folclore, ele foi extremamente revolucionário. Hoje, acho que até mais do que eu, porque a gente se imaginava revolucionário, mas não tinha percebido o que ele brilhantemente dizia, que é a escuta da história feita pelos de lá. Porque a história do Brasil até então era feita pelos de cá: São Paulo, Rio de Janeiro ou o poder.

Então ele vai ter a capacidade de perceber que existe outra história do lado de lá, que continuava existindo na visão de sobreviventes da guerra. Então, os sobreviventes, os descendentes, tudo isso é a revolução que a história social traz. Só depois de muito tempo é que vim aprender – saindo da Bahia, circulando pela PUC, em São Paulo – que o grande revolucionário dos métodos da história oral, da história social, era o professor José Calasans.

Para minha surpresa, aquele homem, que eu via como um conservador político, era um historiador revolucionário.

Por isso, fiz um texto no qual aponto o professor Calasans como meu orientador indireto, porque no mestrado foi ele quem me indicou a caderneta de campo para eu pegar os fragmentos do ABC, das falas dos prisioneiros; e no doutorado, quando estudei A Guerra a Partir da Fotografia, com aquele jeitão, ele disse: “Você tem que trabalhar com Flávio de Barros”.

É esse o meu grande orientador Zé Calasans que quero homenagear aqui.

Valeu, professor!

Muito obrigado.

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Com a palavra a professora Maria Hilda Baqueiro Paraíso, diretora da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, representante do reitor da Universidade Federal, professor João Carlos Sales. (Palmas)

A Sr^a MARIA HILDA BAQUEIRO PARAÍSO:- É muito difícil falar sobre José Calasans. Ele era um ser absolutamente multifacetado, de uma riqueza tanto intelectual quanto humana das mais fantásticas que tive a oportunidade de conhecer. Estávamos ali conversando – eu e a diretora do Museu –, quando lhe disse que a impressão que tínhamos ao chegar perto de Calasans era a de que nos aproximávamos de um urso. Um urso de pelúcia, de carinho, de afeto, de acolhimento, sempre com uma palavra de incentivo, de carinho, de humor. O humor era uma marca das mais humanas do professor José Calasans.

Como intelectual, o professor Sérgio Guerra já destacou alguns dos aspectos, agora me caberia apenas ressaltá-los. Uma das grandes habilidades do professor José Calasans foi sempre somar amores, fazer sínteses. Ao longo do seu trabalho, ele conseguiu fazer, por exemplo, uma síntese maravilhosa entre Bahia e Sergipe.

Penso que ele tinha certa dificuldade, uma crise de identidade: “Sou baiano? Sou sergipano? O que sou? Sou ambas as coisas”. Ele nunca considerou essas identidades excludentes. Em termos intelectuais, podemos dizer que o professor Calasans foi “ufbiano” do início ao fim: foi aluno, professor, diretor, vice-reitor; exerceu vários cargos.

Tive a felicidade de conviver com o professor Calasans. Quando ingressei como professora na Faculdade de Filosofia, Departamento de Antropologia, o encontrei às vésperas da aposentadoria, ensinando Folclore. Também era professor do Departamento de História, onde ensinava História da Bahia.

Nesse sentido, há aspectos extremamente interessantes, em termos acadêmicos e intelectuais, para destacarmos sobre o professor Calasans. Por exemplo, reforçando as ideias de Sérgio Guerra, o caráter revolucionário da obra do professor Calasans. Ele traz personagens que até então não existiam.

Quando ele escreve sobre a santidade, traz os índios do Recôncavo, os índios revoltados que criam uma religião própria, que criam uma forma de resistência. Isso motiva, inclusive, a vinda, pela primeira vez, do Santo Ofício ao Brasil para a punição de hereges. Até hoje o livro do professor Calasans sobre esse assunto é considerado um dos mais relevantes. Ninguém pesquisa santidades sem passar pelo livro de Calasans.

Da mesma forma, ele revoluciona quando vai tratar do seu tema mais amado, o Sertão, centrado em Canudos. Ele vai incorporar uma coisa que não se fazia naquele momento que era a história oral, o que ele via, ele percebia de uma forma muito anterior ao seu tempo, a importância, primeiro, de trazer a multiplicidade dos discursos, o que permitiria perceber a complexidade dos fatos, rompendo com uma tradição linear de uma narrativa de apenas um olhar. Calasans, nas suas obras, queria trazer os muitos olhares, as muitas dores, os muitos suspiros, os muitos sonhos, as muitas perspectivas.

Ele também revoluciona quando vai fazer biografias. Biografia naquela época era uma coisa, assim, centralizada na figura do grande herói, que era o personagem, quando ele vai escrever a biografia dele mais conhecida, mais famosa, sobre Miguel Calmon, ele vai trazer um fato inédito na historiografia brasileira que é a contextualização, o que nos vai permitir entender o próprio surgimento daquele personagem. Então a pessoa não é o objeto como era até então; é o ambiente, é a sociedade, é o que o envolve, que é o objeto que explica o sujeito.

Com relação a Canudos, já nos referimos, e gostaria de tocar numa outra obra de Calasans, que é até muito pouco conhecida, que é a Cachaça Moça Branca, em que ele, realmente, revoluciona o folclore brasileiro. Ele consegue trabalhar com várias fontes, ele faz a genealogia da cachaça, ele faz todo o levantamento folclórico sobre a cachaça, os seus usos, as várias receitas populares para a cura do vício, e aí ele também vai revolucionar em termos de folclore, porque ele faz uma análise complexa, interessante, extremamente rica sobre a cachaça.

Para além da UFBA, o professor Calasans também teve atuações importantes na Academia Brasileira de Letras. No meu caso, além de colega, vivi uma experiência maravilhosa com ele que mostra muito bem esse dom que o professor Calasans tinha de procurar realizar o sonho de todas as pessoas que dele se aproximavam.

No início da década de 80, com a morte do professor Valente, em Caldeirão, um grande acervo arqueológico da Bahia foi simplesmente abandonado e não havia localização. Então, três louquinhos naquela época, eu, a professora Yara Dulce Bandeira, da Católica, e o professor Ivan Dorea, procuramos o professor Calasans e dissemos: e aí, o que a gente faz com esse acervo? Vamos criar um museu de arqueologia e etnologia na UFBA e vamos acomodar. E ele viabilizou esse sonho. E hoje o Museu de Arqueologia está aí maravilhoso para quem quiser visitar. Da mesma forma como ele criou o Núcleo do Sertão, resgatou a escultura de Mário Cravo que estava exposta ao sol e ao vento no Teatro Castro Alves e levou para a porta do Núcleo do Sertão, na antiga Faculdade de Medicina.

Então, para concluir, coloco: o que mais posso dizer sobre José Calasans?

Saudades de todos aqueles que tiveram o privilégio de conviver com ele. Reconhecimento pela sua contribuição à introdução de novas formas de fazer história e folclore. E um tributo, mais do que justo, à sua pessoa neste ano em que a FCSH completa 74 anos e a UFBA, 70. Sem a sua contribuição, não teríamos chegado tão longe e rápido no nosso conhecimento histórico e do folclore.

O Sertão e os seus habitantes, os índios e tantos outros personagens, suas ações políticas, culturas, valores, falares, não teriam vindo à luz na historiografia brasileira provavelmente até hoje.

Então, como o de uma pessoa que conviveu com o professor José Calasans, neste momento, o meu sentimento – que é um sentimento da UFBA, já que ele foi “ufbiano” de carteirinha, e com muito amor – é de uma imensa saudade do vazio que é deixado por aquele homem fisicamente imenso, cujo coração eu dizia que ocupava metade do corpo. Um ser humano de valores, crenças e de uma capacidade de amar como poucos eu conheci.

Ao professor José Calasans, minhas saudades. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a. PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Quero registrar a presença de Osvaldo Reis, do Samba de Roda Raízes do Sertão; de Rosa Maria Ribeiro, uma amiga também; Angélica Maria Matos, amiga e convidada; Oleone Coelho Fontes, escritor, jornalista e historiador; Avani Maria Silva Fontes, sobrinha do Prof. Calasans; Chico de Araújo, jornalista; Coronel Paraíso, aqui presente conosco; Bárbara Alves, membro do Coletivo Leste-Bahia LGBT; Lino Inácio, presidente da Associação dos Moradores de Pirajá; Marcos Gomes, presidente da Associação dos Moradores da Comunidade Rocinha, e que sempre o chamo de Marquinhos Pescador, que é lá de Canudos, nossa terra natal, o Sertão.

Registrar, aqui, também, que já temos entre nós o cantor Gereba, o qual está preparando os instrumentos, porque ele vai também homenagear a nós e ao professor com suas músicas.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Concedo a palavra a Sr^a Diretora do Museu Eugênio Teixeira Leal, Sr^a Eliene Dourado Bina. (Palmas)

A Sr^a ELIENE DOURADO BINA:- Bom-dia a todas e todas, para nós é um prazer imenso estarmos aqui, nesta manhã, numa justa homenagem criada e realizada pela deputada Fátima Nunes e sua equipe. E, na pessoa da deputada Fátima Nunes, saúdo a Mesa e todos os presentes.

O Professor José Calasans, já foi dito aqui, foi uma pessoa extraordinária, um excelente ser humano, uma pessoa solidária, sempre companheiro, amigo e um parceiro para todas as horas, para todas as necessidades e todas as obras do Pelourinho e da cultura de Salvador.

Mas quero fazer um registro especificamente em relação ao Museu Eugênio Teixeira Leal. Ele teve uma forte atuação na UFBA, na Academia de Letras da Bahia e no Instituto Histórico Geográfico da Bahia. Mas, sem sombra de dúvida, considero,

como a maior obra do Prof. José Calasans, a criação, a instituição, a concepção do modelo utilizado para criar o Museu Eugênio Teixeira Leal. Esse museu foi criado em uma modalidade diferente daquela até então vista no Brasil e na Bahia. Não é apenas um museu, ele é um memorial composto por museu, arquivo, biblioteca, o Centro de Cinema, o Cineclube Góes Calmon e duas salas de exposições: uma foi intitulada Galeria Francisco Sá; à outra nós demos, em 14 de outubro do ano passado, o nome Galeria José Calasans Brandão da Silva. Então, nós temos também duas galerias e todos esses espaços prestam serviços gratuitos à comunidade. O próprio pró José Calasans já criou nessa concepção. Todo serviço que nós prestamos até hoje, e nós temos programações mensais, semanais, toda essa programação é totalmente gratuita para a comunidade soteropolitana.

Em uma homenagem ao próprio José Calasans nós criamos uma programação ampla, extensa, à altura da memória do pró. Ele foi diretor do museu por 12 anos e nada mais justo que fosse uma programação realmente ampla e que fizesse jus à sua memória. Foi uma programação composta por filmes, oficinas, jornada de cinema, demos a essa galeria o nome dele e sediamos também o seminário intitulado “*100 Anos com Calasans*”. Esse seminário foi organizado pela UNEB, tendo na presidência da comissão organizadora o Prof. Luiz Paulo Neiva, da Uneb, professor e diretor da unidade da Uneb de Canudos. Também montamos uma exposição intitulada “*Histórias em Prosa*”, porque quem conheceu o pró sabe que a prosa era o que ele mais gostava, ele adorava conversar, ele passava tardes, horas conversando; ele era um acadêmico, um didático, mas a prosa era a marca na vida dele.

Por último, lançamos o livro, fizemos a segunda edição do livro “*Cartografia de Canudos*”. Sobre esse livro nós temos um carinho muito especial por duplo motivo, um para atender à imagem, à memória do pró. Sempre que a gente fez alguma coisa em relação ao centenário do pró José Calasans, pensamos no carinho dele, na dedicação dele pelo museu. E nessa atividade dos 100 anos, mesmo ele não estando presente fisicamente, nós fizemos questão de fazer uma atividade que, realmente, estivesse à sua altura. E foi assim que fizemos a edição do livro “*Cartografia de Canudos*”. É um livro com ilustrações, ampliado, em papel de boa qualidade, todos os detalhes do livro, as ilustrações, tudo foi escolhido pensando nessa dedicação do pró.

Por isso eu quero agradecer a esta Casa, a Assembleia, por três momentos importantes na vida dele. O primeiro, como já foi citado aqui, que foi o Título de Cidadão Baiano, concedido pelo deputado José Nunes, um título de grande orgulho para a vida dele, que ele, realmente, carregou com muito carinho; o segundo, posso dizer que na ordem cronológica não foi assim, mas a deputada Fátima Nunes por ter esse momento tão calorosa e tão marcante, que, certamente, ele gostaria, como a família sabe que ele gostaria de saber dessa homenagem; o terceiro foi essa questão da reedição.

Então, quero agradecer ao deputado Marcelo Nilo que prontamente aceitou custear, patrocinar esse livro, e agradecer a Délio Pinheiro Ferraz, que junto comigo e com o editor Bira Paim, trabalhamos na reedição desse livro. Também agradecer a

todos que cederam imagens, fotografia, foi uma parceria conjunta e relâmpago, porque o livro ficou pronto em dezembro, mas nós começamos a trabalhar nele em setembro. Então, foi uma edição rápida, mas, graças a Deus, saiu à contento e, realmente, à altura da memória do pró.

Quero agradecer a todos os envolvidos, tanto nessas celebrações, nessas comemorações relativas ao centenário de nascimento dele, que é um ano de comemorações, começou em 14 de julho do ano passado e vai até 14 de julho desse ano, e que foi uma comemoração rica, vasta, e toda essa repercussão e toda essa mobilização estiveram à altura dele.

Agradeço a todos os presentes aqui por mais essa homenagem ao pró.

Muito obrigada.

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Eu recebi aqui uma carta da irmã Delires, que morou também um período em Canudos, e quero registrar. Ela diz o seguinte: (LÊ) “Obrigada pelo convite da Sessão ao prof. Calasans. Tudo isso faz parte do meu caminhar. Carrego com carinho a Bahia, as tantas andanças e lutas por dias melhores para nosso povo. Agora estou aqui, cercada de águas, rios, matas, muito verde, mas, como todo o Brasil, também continuamos na busca de dias melhores. Desejo que continue firme e corajosa, principalmente neste momento da triste realidade brasileira. Beijos, saudade, paz e sucesso no seu trabalho.

Irmã Delires”.

E Paulo Neiva, que não pôde chegar, registrou também: (LÊ) “Dirigindo-me a Salvador, tive problemas com o carro, que quebrou. Espero que os conselheiristas estejam presentes, tendo atendido ao seu honroso convite, que repassei por várias vezes através da lista, do Seminário 100 Anos Com Calasans, bem como através de contatos telefônicos. Aproveito a oportunidade para reiterar a V.Ex^a meus votos de estima e elevada consideração. Muito obrigado”.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Convido para fazer uso da palavra a professora e diretora da Escola José Calasans, Rosany Bonsucesso. (Palmas)

A Sr^a ROSANY BONSUCESSO:- Bom-dia. É com imensa alegria que recebemos o convite da deputada Fátima Nunes, pela importância que o professor tem na nossa escola. E é assim que falo: no presente.

O Professor José Calasans Brandão da Silva tem muita importância na nossa escola. Isso se dá pelo fato de quando estava vivo, ele fazer questão de estar sempre presente. Ele era um homem que fazia questão de ir à escola, saber como os alunos estavam. Ele passava tardes lá. Embora não fosse da minha época, tenho relatos de professoras que ainda estão lá na escola, de que ele procurava saber dos alunos, de como estava o ensino, de como estava o material, do que precisavam. Ele era uma pessoa simples, que batia na mesa com os dedinhos e perguntava: “E aí, professora, o que é que os nossos alunos estão precisando?”

Então, penso que a melhor forma de demonstrar o quanto ele é vivo e

importante é justamente mostrando aos nossos alunos que essa homenagem que foi feita não foi feita da noite para o dia. É algo constante na nossa escola. Ele é presente e continuará. Ele se dizia tradutor do sertão, mas penso que ele é um tradutor do ser humano. Ele é um tradutor sensível, seja lá onde estiver, neste momento. Com certeza, cada criança dessa é uma luz que está emanando para ele, que está recebendo e deve ter consciência do legado que deixou na nossa história.

Obrigada, gente. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Obrigada professora.

Teremos agora o nosso cantor Gereba, apresentando para nós uma melodia, um balanço. (Palmas)

O Sr. gereba:- Eu estava passando para um papelzinho uma coisa muito importante que ganhei do professor Calasans. Eu sou da região de Canudos, do sertão de Canudos. Nasci em Monte Santo, a 350 quilômetros daqui. Em 1996, eu fiz um disco que terminou virando referência, que entrou em mais de 15 documentários, a exemplo de *República de Canudos*, de Pola Ribeiro, e de tantos outros que aproveitaram essas músicas do disco. Uma coisa muito marcante – e que eu estava aqui tentando passar para o papel – foi a carta de despedida do Conselheiro. O professor Calasans tinha isso como uma relíquia. Ele, grande pesquisador como sempre foi, tinha isso e me ofereceu.

Eu publiquei a carta de despedida do Conselheiro no encarte do meu disco *Canudos*, lançado para lembrar os 100 anos da Guerra de Canudos, o maior massacre da história brasileira – como todos sabem – com 25.000 pessoas mortas. Metade do exército foi lutar contra os nossos companheiros do sertão, na base da foice e do facão.

Eu estava me lembrando, peguei da internet e queria ler para vocês essa carta que foi publicada. O professor Calasans foi quem descobriu. Temos aqui: Pouco antes de sua morte, Antônio Conselheiro, escreveu esta comovente carta de despedida. Ele disse:

'É chegado o momento para me despedir de vós, que pena, que sentimento tão vivo ocasiona essa despedida em minha alma, à vista do modo benévolo, generoso e caridoso com que me tendes tratado, penhorando-me assim, bastantemente. São estes os testemunhos que me fazem compreender quanto domina em vossos corações tão belo sentimento! Adeus povo, adeus aves, adeus árvores, adeus campos, aceitai minha despedida, que bem demonstra as gratas recordações que levo de vós, que jamais se apagarão da lembrança deste peregrino. Antônio Conselheiro, 1897.'

Essa relíquia que eu ganhei do professor Calasans eu nunca vou esquecer. Ela comoveu muita gente pelo mundo afora. A gente sabe que Os Sertões, de Euclides da Cunha, foi traduzido para mais de 50 países. Então, o mundo inteiro sabe da história de Canudos. Embora aqui a gente não tenha muita atenção dos políticos, que pouco valorizam isso. Mas, lá fora...

Eu viajo constantemente para fazer meus shows/palestra, cujo nome é *Retrato Sonoro de Canudos*. Estive várias vezes na Universidade do Texas, em Austin, em Nova Orleans, na Europa, na França, e o pessoal valoriza mais do que aqui. Eu morei 30 anos em São Paulo, a capital dos nordestinos, e participei de poucos eventos.

Outra coisa, o professor publicou um livrinho verdinho que tinha os cordéis da época da Guerra de Canudos, um livro importantíssimo. É pequenininho, mas é imenso esse livro dele. Lembro-me que, na época do disco, eu também estava escolhendo músicas e vi uma quadrinha que tinha lá nesse livro, que eu terminei juntando com outra música que tinha feito há muito tempo, chamada *O Gole*, e eu começo assim:

(Apresentação musical.)

O Sr. gereba:- Esse livro é muito bonito. Ele tem os cordéis e os desafios. Os jagunços que faziam os desafios, os conselheiristas que desafiavam a turma do Exército que também possuía repentistas do outro lado. Então eu acho muito interessante que há um lado brigando com o outro.

Na abertura do meu disco eu fiz questão de me espelhar, mais uma vez, nesse livrinho do professor Calasans. Eu coloquei na abertura um instrumental. Gravei, lá Sertão da Bahia, os galos cantando, cachorro latindo, crianças brincando, sinos de igreja, essas coisas. Foi uma abertura meio sinfônica na qual coloquei instrumentos eruditos como violinos, celo, trompas convivendo com sanfona, com viola. Fiz questão de montar essa que foi uma espécie de uma ópera popular de Canudos. E, lá, eu coloquei o som de dois repentistas, dois violeiros, um que era a favor, o conselheirista, e outro do Exército. E eu gravei esse desafio de Oliveira de Panela, grande repentista de Alagoas, e Zé Cardoso, lá do Rio Grande do Norte.

E num boteco, em São Paulo, lembro-me que falei: eu queria que vocês brigassem, você é conselheirista e você é um do Exército. E ficou um negócio fantástico. E eu coloquei isso como abertura no disco convivendo com toda essa sonoridade. Depois eu coloquei 40 caixas de guerra que significa que aquela vila harmoniosa, um exemplo de sociedade igualitária onde todo o mundo dividia o pão; e na Bodega do Vila Nova que era uma espécie de Ministério da Economia, ali onde se dividia tudo. Eu coloquei esses dois repentistas fazendo esse desafio, isso tudo só no som – mas você vê perfeitamente as imagens–espelhando-me no livrinho verde do Professos Calasans.

Então o professor sempre foi uma pessoa muito amiga. Nós convivemos muito. Graças a ele nós pudemos colocar um trio elétrico lá no Açude de Cocorobó, colocamos oposição e situação juntos. Foi um trio patrocinado pela Secretaria de Cultura que, na época, tinha como secretário Paulo Gaudenzi e foi um exemplo. Levei o ministro Weffort para lá. Foi uma coisa muito bonita porque todos questionaram, dialogaram. Estavam lá dois deputados famosos: Jaques Wagner e Leonelli que conseguiram a primeira verba para a construção do Memorial de Canudos. Os dois sempre tiveram muita disposição para esse lado da cultura.

Então é isso. Eu queria falar essas coisas. Depois volto para cantar alguma coisa.

Obrigado. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Obrigada, cantor Gereba, grande amigo da cultura nordestina.

Temos dois oradores: o cineasta Carlos Pronzato que vai fazer uso da palavra agora e, logo em seguida, o representante do homenageado que é primo, irmão e muita coisa.

Então com vocês, Carlos Pronzato. (Palmas)

Quero registrar, enquanto Pronzato não inicia, a presença do nosso vereador Maycon e sua assessora, lá de Caldeirão Grande, do outro lado do Nordeste da Bahia.

O Sr. CARLOS PRONZATO:- Bom-dia a todos, vou falar no meu português, que alguma vez chegará a ser um português mais palatável, mas o sotaque continua, não é o portunhol, é o português mesmo.

Quero, primeiro, agradecer a deputada Fátima Nunes pelo convite, realmente é uma honra, agradecer à mesa que está aqui, principalmente ao público, e daqui a pouco vou ler um poeminha, no final, dedicado a esses meninos que estão aí, porque os estudantes sempre foram o futuro.

Hoje, este País de alguma maneira tem nos estudantes secundaristas a tocha bem flamejante de alguma possibilidade de mudança neste País e também de outros países, refiro-me especificamente às ocupações de escolas em São Paulo. Fiz um filme recentemente sobre isso, estou mais em São Paulo do que aqui, e esse filme está realmente fazendo um grande roteiro neste País, mostrando que há outras possibilidades também além das ações que a deputada desenvolve, ações políticas firmes, diretas, que aqueles estudantes estão fazendo também no Rio de Janeiro, Ceará. Esse filme já chegou aqui, certamente em breve teremos respostas a essa situação da educação neste País, e acho que vocês estão sabendo a que me refiro.

Vamos falar de Calasans. Quero registrar aqui que considero e tenho muitos filmes feitos, a maioria documentários, são quase 60, muitos sobre temas políticos, outros sobre temas culturais. Mas sempre considero Canudos o ponto de mudança do meu trabalho, que na época era mais focado no teatro e na literatura. A partir de Canudos e de outro elemento que considero fundamental, que foram os *500 anos do Brasil*, no ano 2000, estive lá naquele dia no meio das bombas, dos cassetes, com certeza a Fátima estava lá, e a partir daí mudei bastante o foco dos meus trabalhos, passando a me dedicar também a questões políticas, sociais e mantendo sempre as culturais.

Canudos foi justamente, além de representar um episódio histórico fundamental do Continente, não somente do Brasil, tanto é que o Vargas Llosa, prêmio Nobel Peruano de Literatura, se dedicou, conheceu Calasans, ele foi seu guia lá na região para escrever seu livro *A Guerra no Fim do Mundo*, um livro importante porque através da ficção podemos ter acesso à história. Para mim foi fundamental o conhecimento do tema. Fui convidado pela Uneb, em 1992, para dirigir uma peça chamada *Epopeia de Canudos*, que foi minha porta de entrada, tinha chegado aqui em 89, também cheguei de fora. E a partir daí comecei a pesquisar esse tema, depois me

relacionei com padre Enock, que tem uma grande importância no tema de Canudos e comecei a contribuir com o trabalho dele, fazendo pequenas performances, teatro... E depois vieram mais três documentários, um dos quais com o Leoni, aqui presente, que foi *A Bahia de Euclides da Cunha*, fizemos uma adaptação do livro que ele escreveu, porque Euclides da Cunha ia à Bahia, ele percorreu o sertão, e fizemos esse trabalho. Depois, veio o de José Calasans, que vocês assistiram a uma parte.

E agora, recentemente, no ano passado, para comemorar o Centenário fizemos um outro trabalho com Dionísio Nóbrega, que infelizmente não pode estar aqui hoje, mas eu o considero o maior pesquisador da obra de Calasans, além de ser um dos maiores pesquisadores de Canudos mais especificamente de Calasans, ele traz a gestualidade muito parecida com a do mestre. Isso não é dito por mim, é dito por Consuelo Pondé de Senna. Neste mês será comemorado 1 ano de falecimento da professora Consuelo Pondé de Senna, diretora-presidente eterna do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia. Ela diz que o Dionísio é justamente uma espécie de reencarnação do professor enquanto conhecimento.

Há muitas anedotas que ele conta, no filme, sobre essa relação que teve com o professor Calasans. O filme se chama “Os Fragmentos de Canudos – no Centenário de José Calasans”. Entreguei uma cópia, em Brasília, para a deputada, quando nos encontramos, infelizmente, em um dia trágico, que a história saberá colocar no seu devido lugar: 17 de abril. Nesse dia todo mundo assistiu, em um espaço similar a este, a uma farsa, que é o mínimo que se pode dizer – não direi outros adjetivos, para não entrar nesse tema.

Quero dizer aqui que eu só tive a oportunidade de estar com o professor Calasans uma única vez, quando estava preparando uma curta de ficção chamado “Canudos numa Longa Curva”, no ano 1999, no Instituto Histórico. Foi uma única vez que eu estive com ele, assim como estive uma única vez com Pierre Verger e uma única vez com Carybé. Digo isso porque foram 3 encontros onde reconhecemos a maestria e as características especiais de certos seres que passam pela Terra. Alguns dos quais são estes três: Pierre Verger, Carybé e José Calasans. Um único olhar, uma única palavra já revela a qualidade humana dessas pessoas, a humildade, a sabedoria... São verdadeiros mestres. Quando encontramos com eles, parece que já os conhecemos há muito tempo. Isso só acontece, em encontros, com esse tipo de pessoa; comigo aconteceu nessa oportunidade com o professor José Calasans.

Eu queria registrar outros assuntos, aqui, mas, como o tempo está exíguo, voltarei depois para agradecer a possibilidade de falar sobre isso; pois para mim Canudos sempre é um tema fundamental. Ter conhecido o professor Calasans e posteriormente estudado a sua grande obra para mim foi fundamental; assim como ter estado no Museu Teixeira Leal com a professora Eliene Edina – a entrevistamos no documentário sobre José Calasans. Também foi fundamental ter percorrido esses espaços. Infelizmente, estava falando, com a professora, que não sabia da escola. Eu não tinha assessoria, fui eu mesmo naquele filme. Entrevistamos também a irmã de José Américo, a América Calazans, em Sergipe. Ela que também fez o filme, tornando um trabalho muito emocionante.

Para finalizar, quero ler um poema curto que não fala especificamente de Canudos, e sim dos meninos que morriam na guerra do Iraque, tendo de alguma maneira, semelhança com os meninos que morreram na guerra de Canudos. O poema se chama *Crianças que Sonham*. O poema é dedicado a Canudos, mas o livro se chama *Poesia contra o Império*.

(Lê) *“Há crianças dormidas*

Que sonham

Quando voam as bombas

Não acordam

Há céus de mil cores

E pássaros

Há areias distantes

E oásis

Embaixo dos cabelinhos

De petróleo

Brilhante

Não escutam

Nem olham

As noites terríveis

As luzes que os mísseis

Explodem

Nos prédios

Nas pontes

Não sentem

O cheiro de pólvora

A chuva das cinzas

Desabando na noite

No balanço perfeito

Da morte

Não sabem

Que amanhã

Não haverá mais

Uma escola

Uma casa

Um pudim

Colegas de rua

E os pais no jardim

Não sabem

*Que amanhã
Já não vão acordar
Na aurora
Esquecidos
Sob um monte de pó
Dormirão
Há crianças dormidas
Que sonham
Quando voam as bombas
Não acordam.”*

Muito obrigado. Para Canudos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Muito obrigada, Pronzato. Eu fico sempre pensando nas sessões especiais que essas riquezas traduzidas em palavras, em gestos, em vídeos, elas precisam chegar a mais pessoas. Aqui, no Plenário, nós temos a *TV Assembleia*, graças a Deus, já nesta oportunidade, mas ainda é aqui neste espaço. Então, a nossa proposta é que o vídeo produzido sempre levemos até a escola, até os grupos que participam, fiquem certos de que todos vocês receberão o vídeo desta sessão e poderão passar e repassar.

Mas, além disso, fico pensando como as nossas escolas poderiam através da Secretaria de Educação Municipal, a Secretaria Estadual de Educação, – neste ano que é tão importante e neste momento que estamos vivendo essa tragédia do fechamento do Ministério da Cultura – como juntar as nossas forças, as nossas energias para somar na luta, no fortalecimento e na formação dos nossos jovens, da nossa sociedade, a partir de conhecimentos e riquezas tão importantes, como disse aqui a nossa diretora. Depois da sessão, com certeza, teremos tarefas a cumprir.

Muito obrigada.

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Agora nós vamos ouvir a palavra do Dr. José Américo Silva Fontes, sobrinho do homenageado, e que neste ato representa a filha do homenageado, Madalena Calasans, mas é como ele mesmo diz, ele é sobrinho irmão.

Com a palavra o Dr. José Américo, e logo depois teremos mais uma cantoria, mais uma apresentação do cantor Gereba.

O Sr. JOSÉ AMÉRICO SILVA FONTES:- Desejo no início da minha fala agradecer em nome da família a carinhosa acolhida desta Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, na pessoa da proponente desta sessão especial em homenagem ao meu tio Calasans. Antes mesmo de adentrar no tópico que será por mim abordado nesta sessão, gostaria de agradecer em nome da família a 2 entidades, uma pública e a outra privada, responsáveis pela reedição do livro de meu tio Calasans: *Cartografia de Canudos*.

Senhores e Senhoras, o meu discurso será pautado, especificamente, sobre a vida familiar do professor Calasans, meu irmão, porque fui criado desde que nasci pela mãe dele, que me amou e o amou também. É portanto uma fala íntima, uma fala de convivência, é uma fala de quem conviveu com esse expoente da literatura brasileira, professor Calasans, e não há nenhuma falsa modéstia familiar em fazer esse tipo de assertiva.

Neste momento, como familiar, ao lado de minha irmã Avani, que aqui também está prestigiando este evento, sinto emoções grandiosas de saber, de ver, de testemunhar que meu tio Calasans deixou um legado extraordinário, legado esse, que se perpetuará pelo tempo, porque os bons exemplos ficam e os maus exemplos perecem na vida.

Meu tio Calasans na família. Meu tio Calasans na família, depois de tudo o que foi dito aqui sobre a vida dele e a obra gostaria de acrescentar que ele sempre foi um parente extraordinário. Um filho amoroso, quando eu nasci o meu avô, Irineu Ferreira da Silva, já tinha falecido, não o conheci, mas o carinho que o meu tio Calasans sentia pela nossa mãe, Noemi Brandão da Silva, é algo transcendente, é algo fundamental, é exemplo para os filhos de hoje, muito amor, carinho, muito aconchego, muito aconchavo, muita ligação interior afetiva.

E o marido Zé Calasans, como foi? Marido fora de série, para usar uma expressão popular, porque estou falando na Casa do Povo, também tenho que, de vez em quando, utilizar-me de uma palavra popular para que o povo possa, aqui, também – que é a casa dele – ser homenageado.

Esposo dedicado, pai amoroso de 2 filhos. O primeiro faleceu precocemente, era juiz de Paramirim, morreu tragicamente: foi um vazio, uma dor nunca mais recuperada pelo casal Calasans e Lúcia Margarida, minha tia. Ele perdeu esse filho no momento do seu apogeu profissional, ele que foi um poeta em prosa, foi um orador primoroso que apaixonava a quem pudesse ouvi-lo.

Calasans é uma daquelas pessoas – e não é por ser meu irmão e meu tio – ímpares, um ícone, e esse ícone foi celebridade, mas ele nasceu sabiá, ele sabia cantar as belezas da terra dele.

No terrão natal dele, Sergipe, nunca esqueceu a sua terra de origem, nunca, mas conseguiu apaixonar-se também pela Bahia, que o adotou, como eu fui adotado também pela mãe dele, e essa adoção foi algo que marcou perenemente a vida do Prof. Calasans nesse orbe, nesse planetinha de nada.

Quem estuda astrologia sabe, nós não somos absolutamente nada e por isso, talvez, reconhecendo isso ele foi uma pessoa humilde, simples, em tudo o que fez na vida. Polifacetado, ele fez muita coisa, só não foi poeta de poesia mas foi poeta na prosa da qual há pouco dito.

Mas há 3 sentimentos que norteiam essa homenagem transcendente prestada a meu tio Calasans. Esses 3 sentimentos, diria até sentimentos de amor, estão no nosso livro doado à deputada Fátima Nunes, que marcam essa sessão, marcam esse reconhecimento, marcam esse encontro de amigos.

É uma pena que a Bahia inteira não possa caber neste plenário para prestar uma homenagem a um dos seus mais ilustres filhos, o Prof. Zé Calasans.

Emociono-me pois, em vislumbrar e reconhecer como é significativa e pujante a gratidão da Bahia, neste momento ratificada e explicitada aqui na Casa do Povo.

Uma festa bonita, uma festa que toca o íntimo das pessoas, o coração de todos os baianos, sergipanos e brasileiros, porque o meu tio Calasans não ficou apenas limitado às 2 origens, a profissional e a natal, não.

Meu tio transcendeu, meu tio saiu voando por aí, um voo de condor embora fosse um sabiá. Ele teve um voo de condor elevado, mas sempre, sempre, reitero, ratifico e repito, com muita humildade, com muita simplicidade, com muita naturalidade em tudo o que falava e em tudo o que dizia.

Meu tio, por isso está a merecer nesse momento a gratidão do povo da Bahia, a gratidão do povo de Sergipe, também, 2 terras que ele transformou num patrimônio afetivo inigualável.

Estou tão emocionado que estou tendo dificuldade de tirar o papel, colou o papel mas não importa.

Suas aulas, suas palestras e conferências eram permanentemente emolduradas pela sua presença física sempre encantadora, com seus olhos azuis celestes, herança – segundo ele – da nossa querida mãe Noemi Brandão da Silva, de ascendência holandesa. Para quem não sabe os olhos azuis do meu tio tinham origem holandesa.

Falei há pouco de 3 sentimentos nobres, o primeiro vou explicitar em versos da minha autoria, um trecho do meu poema “Gratidão”, deputada, que dirijo também a V.Ex^a e a todos os seus pares desta Assembleia Legislativa:

(Lê) “Gratidão é sincero agradecimento.

Nasce em qualquer momento

no fundo da alma agradecida.

É belo, é o mais puro sentimento

de amor. Não tolera esquecimento

dá mais colorido à própria vida!!!”

(Lê) “Meu tio e irmão Calasans continua vivo no seio de nossa família, porquanto exemplo de vida plena de dignidade, honradez, compromisso profissional e competência, exemplo permanente para todos os seus descendentes.”

E para os pósteros.

Meu tio Calasans é, portanto, merecedor, deputada, desta sublime, singela e comovente solenidade.

Relembro com emoção a figura extraordinária de tio Calasans ao citar o título de um outro poema meu que se chama: 'O sonho do direito só o dever realiza'”.

E não há oceano de direitos em deserto de deveres.

Meu tio se encaixa perfeitamente nesse poema, porque sempre foi um cumpridor do dever. Cumpriu dever em tudo que fez na vida. Nós todos, do mundo

inteiro, não só do Brasil, necessitamos com urgência do cumprimento do dever.

Sou pediatra, e ver essa criança aqui me toca profundamente. Deve ser inserido no calendário escolar deles o significado da palavra dever, o significado da palavra obrigação. Como dizia Mahatma Gandhi: “Não há nenhum direito que não tenha sido precedido por um dever cumprido.”

A palavra dever se encontra pouco fixada em nossa Constituição Federal, e a palavra direito está muito fixada. Mas que direitos? É todos terem direito à vida, à dignidade, à escola, à saúde, a tudo. Estamos vivendo, deputada, um momento conturbado na vida nacional, mas isso não é privilégio, nem desgraça, melhor dizendo, do Brasil, é um problema internacional.

Ele era um cumpridor do dever inveterado, contumaz, habitual e permanente. Onde quer que ele se encontre, continuará sendo lá, porque ele não perderá uma das suas maiores e mais dignificantes características.

O terceiro sentimento a que aludi há pouco é o sentimento da saudade. É com muita saudade que estamos prestando aqui mais uma homenagem póstuma ao cidadão José Calasans, que era pleno de sabedoria, mas, sobretudo, pleno de cidadania.

Vou apenas declamar e recitar um pequeno trecho desse poema que se encontra nesse livro. Deixarei um livro desse, depois, na biblioteca desta Casa do Povo.

(Lê) “É um sentimento triste a saudade, de doce e imorredora ternura, que felizmente ainda perdura no fundo mais fundo de nossa alma, e que nos acompanha e acalma no amor infinito de nossa eternidade.”

Receba, querido tio Calasans, na eternidade, onde quer que esteja, nosso carinho, gratidão e infinita saudade.”

Um beijo, meu tio.

Muito obrigado. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- A emoção contagia. O ambiente está todo emocionado.

Para contagiar ainda mais este momento de alegria, de emoção e saudade, mas de referência a essa pessoa tão importante para a Bahia, para o Brasil e para o mundo, ouviremos o cantor Gereba.

(Apresentação musical.)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Que maravilha!

O Sr. gereba:- Quero dizer para vocês que tive o prazer de estar no ano passado aqui, nesta sala, nesta Casa, quando foi votada a Lei Zabumba, que diz de 60% do Orçamento para ajudar os forrozeiros, mas, infelizmente...

Sou vice-presidente da associação dos forrozeiros da Bahia, tenho o prazer de ser; nós temos mais de 200 músicos à míngua, sem trabalho, temos 50 trios pé de serra, mas no mercado quem manda é o forró de plástico, pornográfico que está aí dominando, e nós estamos precisando trabalhar.

Estou cantando em vários lugares do Mercado do Rio Vermelho, todo sábado, do meio-dia às 3 da tarde, estou sempre com um grupo diferente, e esperamos uma ajuda, já que foi votado, não temos ajuda nenhuma. Queria aproveitar e dizer isso aqui. Se precisarem de forró, procurem a gente, Associação Asa Branca dos Forrozeiros da Bahia, estamos precisando trabalhar.

Infelizmente o mercado é quem dita as leis, e os políticos seguem, dão mais corda, infelizmente, para o mercado que está aí, que é uma porcaria, vocês sabem.

Obrigado. (Palmas)

A Sr^a PRESIDENTA (Fátima Nunes):- Valeu, Gereba. Muito obrigada pela sua presença, pela sua observação. Estamos empenhados em lutar e fazer parte da cultura popular.

Registro a presença do deputado Euclides Fernandes e dizer que o livro “Sergipe na Guerra de Canudos” do escritor Oleone Coelho Fontes estará sendo lançado no saguão e, também, este se espelha, conta e reconta a memória e a história do nosso grande professor José Calasans, a quem homenageamos hoje.

Recebi, também, um livro do Pronzato que contém duas obras em uma. Ele disse que, em razão da crise, fez duas obras em um único livro. É muito importante a poesia. E ele recitou uma delas para nós. Recebi também – já foi distribuído para os presentes – o documentário mais recente do Carlos Pronzato: *José Calasans - Tradutor do Sertão*. Recebi, também, o documentário *Fragmentos de Canudos* em homenagem ao centenário de nascimento de José Calasans. Quanto a este, nós assistimos a um pedacinho.

Queria, por fim, agradecer, imensamente, o livro que recebi do nosso Dr. José Américo Silva Fontes, professor e escritor. Ele não é, apenas, um parente, mas um representante desta forma de vida e de acreditar na transcendência da cultura através da escrita dos seus pensamentos, das suas ideias e do recontar a história do nosso povo.

Ouvimos o discurso emocionado acerca do nosso homenageado.

Enquanto isso, eu estava conversando com a professora Maria Hilda, melhor, falando entre nós duas, acerca de como os pesquisadores vão pesquisando a vida e as obras daqueles que já passaram. Com isso, vamos levando e transcendendo esta coisa boa de cultura, música e arte.

Por isso, com certeza, o nosso Gereba, neste momento, encerra a nossa sessão especial com esta música centenária de Luiz Gonzaga, o nosso *Hino do Sertão*. Portanto, você é muito bem-vindo. Muito obrigada, Gereba, por este encerramento brilhante. Quero agradecer mesmo.

Digo isso embora a professora, cuidadosamente, tenha vindo ao meu ouvido dizer: “Olha, vamos ver como a gente vai fazer. É preciso ter atenção, porque as crianças precisam do alimento e está quase na hora.” Bem, tivemos a alegria contagiante. Todo mundo se balançou muito na hora da música do sertanejo Luiz Gonzaga.

Quero, também, agradecer, mais uma vez, imensamente, a Gracinha, a nossa

prefeita de Araçás e agradecer, também, à nossa secretária de Educação. Como foi bom a gente poder presenciar, vivenciar este momento e levar para os nossos municípios.

Agradeço, também, as presenças dos vereadores Osmar e Rômulo de Canudos e do vereador Michael de Caldeirão Grande.

Bem, em nome dos três vereadores, representantes do povo da Bahia, gostaria de agradecer, imensamente, esta oportunidade, proporcionada pelos nossos pares, pois os deputados contribuíram para aprovar a realização desta sessão especial no dia de hoje. Tudo, aqui, é aprovado. Então, muito obrigada a todos os meus pares por aprovarem esta sessão especial.

Às vezes, a gente fica imaginando... Eu estava falando com a diretora Vina que são muitos os convidados, não é? Mas, sempre, há algumas outras coisas que ocupam as pessoas. E uma sessão especial como esta tão rica e tão oportuna no dia de hoje poderia estar transbordando para outras pessoas em razão da riqueza, do conhecimento, do valor e da homenagem à pessoa, que é um baluarte da história. A gente imagina que, às vezes, nós temos pessoas que escolhem outras atividades como ir ao *shopping*, por exemplo, e deixam passar uma coisa tão importante. A gente fica, realmente, observando. Mas a nossa luta não para.

Nós vamos levar todo este conhecimento durante este ano de homenagens ao professor José Calasans a outras localidades através da nossa voz no Parlamento e através da voz de todos que vierem conosco compartilhar um momento como este.

Em nome do Poder Legislativo do Estado da Bahia, agradeço as presenças das autoridades civis e eclesiásticas, dos deputados e das deputadas, da imprensa e dos senhores e das senhoras.

Muito obrigada a todos.

Declaro encerrada a presente sessão especial. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-parlamentar/sessoes-plenarias.php>. Acesse e leia-as na íntegra.